

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

LUANA CAROLINE LIMA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA MORTE NA LITERATURA INFANTIL
NAS “SEXTILHAS PARA A MORTE” E NOS CONTOS “OS PENSAMENTOS
DA BEXIGA MURCHA” E “O URSO E O GATO MONTÊS”**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

PATO BRANCO – PR

2019

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

LUANA CAROLINE LIMA DE OLIVEIRA

**A REPRESENTAÇÃO DA TEMÁTICA MORTE NA LITERATURA INFANTIL
NAS “SEXTILHAS PARA A MORTE” E NOS CONTOS “OS PENSAMENTOS
DA BEXIGA MURCHA” E “O URSO E O GATO MONTÊS”**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Letras
Português/Inglês da Universidade
Tecnológica Federal do Paraná *Câmpus*
Pato Branco como requisito para aprovação
na disciplina de Trabalho de Conclusão de
Curso – TCC II.

Linha de Pesquisa: Literatura Infantil
Orientador(a): Prof^a Ma. Marcia Oberderfer
Consoli

PATO BRANCO – PR
2019



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Câmpus Pato Branco
Departamento Acadêmico de Letras
Coordenação do Curso de Letras Português/Inglês



DEFESA PÚBLICA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
LETRAS – PORTUGUÊS/INGLÊS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autor (a): **LUANA CAROLINE LIMA DE OLIVEIRA**

Título: A representação da temática morte na literatura infantil nas *Sextilhas para a morte* e nos contos *Os pensamentos da bexiga murcha* e *O urso e o gato-montês*

Trabalho de conclusão de curso defendido e APROVADA em 01/07/19, pela comissão julgadora:

Profa. Ma. Marcia Oberderfer Consoli – UTFPR Pato Branco
Orientadora e Presidente da Banca

Profa. Ma. Rosângela Aparecida Marquezi – UTFPR Pato Branco
Parecerista e Membro da Banca Examinadora

Profa. Dra. Franciele Clara Peloso – UTFPR Pato Branco
Membro da Banca Examinadora

VISTO E DE ACORDO:

Prof.ª Ma. Rosângela Aparecida Marquezi
Responsável pelo Trabalho de Conclusão de Curso
Coordenadora do Curso de Letras Português/Inglês

O DOCUMENTO ORIGINAL, ENCONTRA-SE NA COORDENAÇÃO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela vida.

À família, pelo apoio e educação.

Aos mestres, que me orientaram nesse percurso.

RESUMO

OLIVEIRA, L. C. L. de. **A representação da temática morte na Literatura Infantil nas “Sextilhas para a morte” e nos contos “os pensamentos da bexiga murcha” e “o urso e o gato montês”**. 46 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná - campus Pato Branco, 2019.

A presente pesquisa traz a Literatura Infantil voltada para as crianças, tendo como foco a representação do tema morte nos textos literários escolhidos. Considera-se importante estabelecer um diálogo entre livros e as crianças, pais e educadores. Entende-se que a morte faz parte da vida de todas as pessoas, como um ciclo: nascer, viver e morrer. Como a morte é algo natural e não cabe a nós determinar quando ela pode estar presente, é necessário, também para as crianças, saber encarar esse fato e conseguir entender que os seus sentimentos não são alheios à realidade de outras pessoas. Têm-se como referencial teórico para este estudo, psicólogos, pedagogos e estudiosos dessa área, contando como principais: Coelho (2000), Lopes (2013), Zambeli (2014) e Paiva (2014), é feito um levantamento sobre a Literatura Infantil e sobre a temática morte, principalmente impactando na criança. A proposta de análise foi pensada a partir do tema, buscando livros contemporâneos que falassem da morte abertamente para as crianças, em diferentes aspectos, como ilustração, linguagem, estrutura e contexto. Os textos foram escolhidos criteriosamente, sendo todos contemporâneos e que abordam o tema sem tabus, tratando-se de livros distintos: um trabalha com o tema de maneira mais cômica, outra com um viés mais triste, e uma terceira que traz a questão do luto. São dois contos “*Os pensamentos da bexiga murcha*” (2011) e “*O urso e o gato-montês*” (2008) e poesia “*Sextilhas para a morte*” (2011) todos os trazem o tema morte de maneira clara para as crianças. Percebe-se que as obras abrangem o tema trazendo a palavra morte no texto ou por meio de metáforas ou linguagem conotativa e denotativa, destacando diferentes ilustrações, e as personagens são apresentadas de maneira geral tanto com animais quanto seres inanimados, representando pessoas. Os três livros abordam o tema morte de uma maneira natural. O primeiro texto traz a personagem Belinda, que tem a sua vida, com sentimentos humanos, onde é descrita a sua vida e posteriormente sua morte. Já o segundo livro (2008) aborda mais a parte do luto, a perda e a amizade e o terceiro (2011) é uma poesia em forma de sextilhas onde aborda o tema em todas as estrofes de uma maneira cômica.

Palavras-chave: Literatura Infantil; criança; morte.

ABSTRACT

OLIVEIRA, L. C. L. de. **The death thematic representation in children's literature at *Sextilhas para a morte* and in the tales *Os pensamentos da bexiga murcha* and *O urso e o gato montês*.** 43 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Licenciatura em Letras – Português/Inglês. Universidade Tecnológica Federal do Paraná: Pato Branco, 2019.

This research brings children's literature focused on the nowadays child, focusing on the representation of the theme death in the literary texts chosen. It is considered important to establish a dialogue between books and children, parents and educators. It is understood that death is part of the lives of all people, as a cycle: born, live and die. Since death is natural and it is not up to us to determine when it may be present, it is also necessary for children to face this fact and to understand that their feelings are not alien to the reality of other people. As a theoretical reference for this study, psychologists, pedagogues and scholars of this area, counting as main: Coelho (2000), Lopes (2013), Zambeli (2014) and Paiva (2014), where a survey is made on literature childhood and on the issue of death, especially impacting on the child. The analysis proposal was thought from the theme, searching for contemporary books that talked about death openly for children, in different aspects, such as illustration, language, structure and context. The texts were chosen carefully, being all contemporary and that approach the subject without taboos, being of different works; one works on the theme in a more comical way, one with a sadder bias, and a third that brings the issue of mourning. They are two short stories "The thoughts of the withered bladder" (2001) and "The bear and the mountain cat" (2008) and the "Sextilhas to die" (2011) all bring the theme of death in a clear way for the children. We realize that the works cover the theme by bringing the word death in the text or through metaphors or connotative and denotative language, highlighting different illustrations, and the characters are to present in general with both animals and inanimate beings, representing people. The three books address the issue of death in a natural way. The first text brings the character Belinda, who has her life, with human feelings, where her life is to describe and later her death. The second book (2008) deals with the part of mourning, loss and friendship, and the third book (2011) is a poetry in the form of sextilhas, where it approaches the theme in all the verses in a comic way.

Keywords: Children's Literature; kid; death.

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO..... | 8 |
| 2 A REPRESENTAÇÃO DO LUTO, DA PERDA E DA FALTA NA 2 LITERATURA INFANTIL | 11 |
| 2.1 A TEMÁTICA MORTE NA LITERATURA INFANTIL..... | 16 |
| 2.1.1 A criança e a Morte..... | 17 |
| 2.1.2 A Representação da Temática em livros..... | 20 |
| 3 LIVROS E AUTORES..... | 23 |
| 3.1 OS PENSAMENTOS DA BEXIGA MURCHA..... | 24 |
| 3.1.1 Índigo – Ana Cristina Ayer de Oliveira..... | 24 |
| 3.2 SEXTILHAS PARA A MORTE..... | 25 |
| 3.2.1 César Obeid | 25 |
| 3.3 O URSO E O GATO-MONTÊS..... | 26 |
| 3.3.1 Kazumi Yumoto..... | 26 |
| 4 A REPRESENTAÇÃO DA MORTE LITERATURA INFANTIL..... | 27 |
| 4.1 OS PENSAMENTOS DA BEXIGA MURCHA | 27 |
| 4.2 SEXTILHAS PARA A MORTE..... | 31 |
| 4.3 O URSO E O GATO-MONTÊS..... | 34 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 42 |
| REFERÊNCIAS | 43 |

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho propôs um estudo dentro da Literatura Infantil, focando no tema morte, estendendo-se para a questão do luto, da falta e a da perda, assuntos que se desdobram a partir do tema proposto. Consideramos a Literatura Infantil como um material fundamental para as crianças e jovens, que ajuda em seu desenvolvimento. Com essa abordagem, quando um livro é pensado pelo seu autor desde a sua estrutura e organização deve ser planejado de acordo com o público a que se destina aquela obra, ou seja, o infantil, atentando para a sua faixa etária, pois, a partir do momento em que a criança vai crescendo, vai se diferenciando a linguagem das obras que lê também.

A morte é um tema que vem sendo emergente na literatura, embora haja materiais sobre esse assunto, ainda é visto como delicado para se tratar com as crianças, pois causa estranhamento, muitas vezes pelo medo, que pode proporcionar, também, muitas vezes, os adultos não sabem como falar sobre o tema com elas. Quando a morte surge, em casa ou no âmbito escolar, muitas vezes os pequenos são deixados de lado, por meio da omissão. Sendo que é delicado para um adulto passar pelas fases do luto, para as crianças que não recebem uma explicação muitas vezes, pode ser mais difícil ainda.

Cada ser humano incorpora e reage no momento do luto de maneira diferente, alguns estudiosos como Piaget e Freud categorizaram que as crianças reagem de modos diferente, dependendo da sua faixa etária e desenvolvimento cognitivo. Porém, percebe-se que a criança que é orientada nesse período de maneira franca pode encarar de uma maneira mais branda, percebendo a finitude da vida como um processo que acontece com todos, desde a perda de um animal, um amigo ou ente querido.

A partir dessas considerações, utilizamos como objeto de pesquisa para nosso trabalho dois contos e uma poesia que tratam da morte, o conto japonês “*O urso e o gato montês*”, de Kazumi Yumoto e ilustrado por Komako Sakai; o conto “*Os pensamentos da bexiga murcha*”, da autora Índigo; e a poesia “*Sextilhas para a morte*” de César Obeid; sendo que os dois últimos livros estão contidas no livro que tem como título um dos contos “*Meu filho pato*”, e traz abaixo do título “e mais contos sobre aquilo que ninguém quer

falar”. Escolhemos as obras com o intuito de compará-las observando-se as diferentes maneiras que o tema morte pode ser abordado e apresentado nas narrativas.

Objetivamos no trabalho discutir como essas obras contemporâneas abrangem o tema morte, a maneira com que ela é apresentada, como é trabalhada a linguagem no texto, se é de forma direta ou indireta, se o texto é acompanhado por imagens, e outros aspectos que se apresentaram importantes ao longo da pesquisa. Originalmente, a Literatura Infantil possui obras que falam da morte, porém não de maneira direta, colaborando assim para que esse assunto fique alheio às crianças, como se elas não tivessem o direito ou necessidade de saber o que acontece quando uma pessoa morre.

Pensamos que é de direito das crianças e necessário para o seu desenvolvimento saber que a morte acontece, que é parte de um ciclo tanto como nascer e viver, pois, ao longo da vida perdemos objetos, animais, amigos, familiares e isso não está alheio à nossa realidade. Sabemos que as crianças são curiosas, principalmente na fase em que estão descobrindo as coisas naturais do mundo, e merecem ter contato com temas relacionados a sua existência, e ainda que os livros são uma maneira de instigar o conhecimento e pensamento crítico das pessoas é que propomos essa relevante análise neste trabalho.

Consideramos trabalhar a representação da morte, partindo de um pensamento que a criança também deve ter conhecimento sobre o que é a morte. Como estudante, é necessário pensar que futuramente em escolas iremos nos deparar com questões que não são fáceis de responder a uma criança, como por exemplo o sexo, a separação dos pais e a morte. Temas que educadores e pais, geralmente querer deixar distante das crianças, mantendo assim um assunto tão importante sem ser explorado até o momento em que essas cresçam e aprendam na prática como lidar com situações difíceis.

Após escolhidos os livros observamos como os livros expõem o tema morte para as crianças, bem como as maneiras de lidar com o luto, enfrentar a perda e conviver com a falta. Em seguida, fizemos uma análise da linguagem e das imagens em cada um dos livros.

O referencial teórico que deu suporte para o trabalho consistiu de textos que trazem reflexões sobre a infância e a Literatura Infantil, dentre eles,

pedagogos, psicólogos e educadores, pessoas, que de alguma maneira, direta ou indireta se envolvem com o público infantil. Dentre os principais estão Coelho (2000), Paiva (2014), Lopes (2013) e Zambeli (2010).

Como resultado apresentamos um levantamento sobre a Literatura Infantil pois sabemos que esse campo está crescendo cada vez mais e essa literatura vem ganhando espaço nas prateleiras das livrarias e editoras. Outro fator relevante é que os pais estão se conscientizando sobre a relevância de adquirir livros para as crianças, tendo a ideia de que são importantes, até mais que brinquedos, para o desenvolvimento delas. Pela importância que está sendo dada também aumentam as possibilidades de assuntos a serem escritos, e os temas tidos como tabu, começam a aparecer e ser vistos como temáticas a serem apresentadas também para os pequenos.

A seguir, apresentamos os resultados da pesquisa assim distribuídos: primeiramente foi apresentado um capítulo com o aporte teórico sobre a Literatura Infantil, enfatizando o histórico e, em seguida um pouco sobre a Literatura Brasileira por serem objetos desse estudo. Dentro dos conceitos discutidos para o trabalho temos ainda a representação do luto, da perda e da falta na Literatura Infantil. Em seguida, temos a apresentação das obras escolhidas e seus respectivos autores. E, por fim, a constatação da representação da morte na Literatura Infantil na análise das obras escolhidas. Após a análise, traçou-se um quadro com os resultados obtidos.

2 A REPRESENTAÇÃO DO LUTO, DA PERDA E DA FALTA NA LITERATURA INFANTIL

Quando falamos de Literatura Infantil, logo pensamos em uma literatura voltada exclusivamente para as crianças. Algo pensado e elaborado para elas de acordo com a sua faixa etária, incluindo alguns gêneros distintos mais observados em obras direcionadas ao público infantil.

A autora Nelly Novaes Coelho (2000) traz em seu livro *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*; uma epítome sobre a Literatura Infantil e Juvenil. Sabendo que o público são as crianças e o foco é como o livro contribui para a formação da consciência vamos resgatar parte do histórico dos textos voltados para elas.

Nos anos 1970, quando o contexto literário infantil muda a maneira como o livro é apresentado também passa por mudanças significativas. Coelho (2000, p. 19) demonstra em seu livro as principais diferenças, o que gera um confronto entre “O Tradicional” e “O Novo”.

Coelho (2000) defende a Literatura Infantil como agente formador de uma nova mentalidade e para esboçar sua opinião, além de ajudar os professores a se situarem diante da realidade histórica/cultural, ela criou um quadro, no qual apresenta os conceitos e padrões de pensamento e comportamento que se defrontam, os chamados “valores tradicionais” e os “valores novos”.

| O TRADICIONAL | O NOVO |
|---|---|
| 1 Espírito individualista | 1 Espírito solidário |
| 2 Obediência absoluta à Autoridade | 2 Questionamento da Autoridade |
| 3 Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer , acima do ser | 3 Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser |
| 4 Moral dogmática | 4 Moral da responsabilidade ética |
| 5 Sociedade sexófoba | 5 Sociedade sexófila |
| 6 Reverência pelo passado | 6 Redescoberta e reinvenção do |

| | |
|---|--|
| | passado |
| 7 Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana | 7 Concepção de vida fundada na visão cósmica/existencial/mutante da condição humana |
| 8 Racionalismo | 8 Intuicionismo fenomenológico |
| 9 Racismo | 9 Antirracismo |
| 10 A Criança: “adulto em miniatura” | 10 A Criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio) |

Quadro – Valores

Fonte: Coelho (2000).

Para conhecer melhor cada dado extraliterário que compõe o quadro criado por Coelho (2000), tentaremos explicar, resumidamente, com base nas explicações da autora, cada tópico.

No tradicional, temos dez seguimentos, iniciando pelo primeiro chamado de *Individualismo* que traz verdades absolutas dentro da sociedade tradicional; em seguida, a *Obediência absoluta* (bom e mau, certo e errado); depois a autora traz o *Sistema social* mostrando que dentro da literatura conseguimos identificar os papéis do homem e da mulher: homem autoridade e mulher responsável por cuidar da família e zelar pela casa; no quarto seguimento tem-se a *Moral dogmática*, que traz a seguinte ideia: se realizar algo bom o personagem ganhará um prêmio e se for algo ruim o personagem receberá um castigo; seguindo, a autora apresenta a *Sociedade sexófoba*, onde acontece a proibição do sexo, a sua prática era vista como algo imoral, principalmente pela ala feminina; a sexta questão apresentada é a *Referência ao passado*, um modelo a ser seguido, era a orientação para quem iria escrever outras obras; a autora traz também a *Concepção da vida*, algo que segue por temas religiosos, uma busca por dignidade; em seguida o *Racionalismo*, que traz como principal fundamento o predomínio da razão; como nono seguimento, o *Racismo*, a separação de raças nítida dentro da Literatura Infantil; e por fim, o último seguimento tradicional, *Criança vista como um adulto em miniatura*, aqui temos o pequeno adulto, muito comum nas obras tradicionais da Literatura Infantil (COELHO, 2000).

Apesar dessas questões que apareciam no início da construção dessa literatura para crianças aparentem um pouco “chocantes”, na época era

comum e ainda hoje há livros concebidos dentro desse tradicionalismo. A autora também destaca dez seguimentos sobre a nova literatura que se contrapõe aos apresentados anteriormente, o que a autora de chama de “novos valores”, dentre eles o primeiro, *o Espírito solidário*, o ser é apresentado de forma mais sociável e faz parte de um todo, coletivo: em seguida tem-se o *Questionamento da autoridade*, há mais liberdade de ideias, a verdade é relativa; seguindo, há o *Sistema social*, que engloba: classes, trabalho e família com o intuito de diminuir as diferenças sociais, reivindicações trabalhistas e libertação feminista são trazidas e transformações aparentes acontecem nessa mudança de século; o quarto aspecto traz a *Moral da responsabilidade*, consciência do eu perante o outro, que consegue superar os valores tradicionais; o quinto traz a *Sociedade sexófila*, sexo torna-se um ato natural para ambos os sexos; em seguida temos a *Redescoberta do passado*, principalmente uma tendência em valorizar o índio, o folclore e o negro; em sétimo vem a *Concepção da vida*, e a evolução do ser; a autora também traz a *valorização da intuição*, estimulando o uso da mente, da imaginação e da magia; o *Antirracismo* e a igualdade entre as diferentes raças aparece em nono; e no décimo seguimento, a criança, já é vista com outros olhos dentro da literatura, como um *Ser-em-formação* que deve viver em seu tempo com plenitude e em construção (COELHO, 2000)

A literatura se desenvolve de acordo com as mudanças no mundo e necessidades das crianças, como a autora coloca nesse trecho,

Literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem dúvida, conhecer a singularidade de cada momento da longa marcha da humanidade em sua constante evolução. (COELHO, 2000, p. 27)

Quando pensamos nos livros, é importante lembrar que devemos pensar também em categorias, pois o livro para uma criança de dois anos não é o mesmo para uma criança de dez, porque estão em estágios diferentes. Para Coelho (2000), podemos separar por estágios psicológicos: A primeira categoria seria a *primeira infância* (dos 15/17 meses aos 3 anos) onde a criança começa a reconhecer o mundo a sua volta. A autora também usa um outro termo para essa fase “invenção da mão” porque a criança usa o contato

para identificar o que está ao seu alcance. Os livros ideais nessa fase são aqueles com gravuras de animais ou objetos do cotidiano da criança com materiais diferenciados, pois é nesse período que começa a ter a percepção do que está vendo. O mais importante nesse primeiro contato com os livros é a mediação do adulto entre o livro e a criança.

Adiante, a *segunda infância* (a partir dos 2/3 anos) nessa fase, Coelho (2000) aponta que as crianças começam a ter um maior interesse pela comunicação, elas começam a perceber a si mesmo e querer se descobrir enquanto indivíduo. O livro para esta faixa etária deve conter gravuras ou ilustrações, textos ainda curtos, imagens sugestivas, pinturas e traços, humor, repetição e algo que instigue a criança a ter curiosidade no livro (COELHO, 2000).

Em seguida, temos o *leitor iniciante* (a partir dos 6/7 anos) ainda faz-se necessária a presença do adulto estimulando o contato com os livros e é nesse momento que a criança começa a identificar as letras e aprender as sílabas “[...]início do processo de *socialização* e de *racionalização* da realidade.” (COELHO, 2000, p. 34). Para esses pequenos leitores, o livro ainda deve conter grandes gravuras, mas também textos simples com uma narrativa a ser desenvolvida e personagens animados ou inanimados, uma história que os permitam pensar e querer dar seguimento à leitura.

Em seguida, temos o *leitor-em-processo* (a partir dos 8/9 anos) aqui as crianças já dominam a leitura, aumenta o interesse e o pensamento lógico. Os livros já começam a ser divididos em texto e imagem, com linguagem objetiva, porém já em frases completas ou extensas, o livro já contém um início, um meio e um fim. A penúltima fase que a autora cita é o *leitor fluente* (a partir dos 10/11 anos) a criança apresenta um domínio maior do mecanismo de leitura, ou seja, compreende tudo o que é apresentado no livro e ainda consegue fazer uma reflexão sobre o que leu,

A partir dessa fase, desenvolve-se o *pensamento hipotético dedutivo* e a conseqüente capacidade de *abstração*. O ser é atraído pelo *confronto de ideias e ideais* e seus possíveis valores ou desvalores. As potencialidades afetivas se mesclam com uma nova sensação de poder interior: a da inteligência, do pensamento formal, reflexivo. É a fase da pré-adolescência. (COELHO, 2000, p. 37).

. Nessa fase, a presença de um adulto torna-se optativa. Quase sempre as crianças preferem ler sozinhas já que agora conseguem fazer a leitura e interpretação sem ajuda, uma fase mais independente o adulto pode incentivar, porém confiar que a criança pode fazer a leitura sozinha. Os livros contém poucas imagens, pois os textos já deixam a história completa; os personagens lidam com um ideal de igualdade e justiça; a linguagem passa a ser mais elaborada. (COELHO, 2000).

Por último, a autora apresenta o *leitor crítico*, (a partir dos 12/13 anos) a criança, ou melhor, o adolescente, já domina tanto a leitura quanto a escrita e com uma reflexão mais profunda onde se desenvolve um pensamento mais crítico em relação ao mundo. Com tantas mudanças nesse período, quanto mais contato com a leitura maior o prazer que o ser irá ter, pois já terá livros mais elaborados que possam despertar o leitor crítico. (COELHO, 2000).

Cabe ressaltar que a literatura tem uma finalidade, já que parte de uma experiência de alguém. “[...] o livro infantil é entendido como uma ‘mensagem’ (comunicação) entre um autor-adulto (o que possui experiência do real) e um leitor-criança (o que deve adquirir tal experiência)”. (COELHO, 2000, p. 31). E é claro que a criança acaba apreendendo diante desse processo.

Contudo, alguns temas são difíceis de ser passados para o livro, principalmente de um adulto para uma criança, visto que, é um adulto escrevendo para uma criança. A morte por exemplo, um autor tem que pensar a maneira como vai trazer esse assunto para o universo infantil,

Certos temas – e a morte não só se encontra entre eles como é necessariamente o maior de todos – são afastados do universo infantil. Imagina-se que a criança e o adolescente não tenham maturidade suficiente para lidar com conteúdos inadequados [...] (MASSA, 2010, p. 97).

O resultado desse processo, preservar as crianças desses assuntos, é censura, principalmente nas escolas e em editoras de obras que abordem violência e morte, MASSA (2010). Porém, com o cenário que temos hoje, em pleno século XXI “É no mínimo paradoxal tentar preservar crianças e jovens do contato com a morte na ficção quando a própria realidade a expõe de modo tão contundente.” (MASSA, 2010, p. 97).

Embora pareça ruim ou negativo expor violência ou morte em livros, MASSA (2010) aponta que o contato com esses assuntos através da literatura

pode proporcionar uma relação natural dentro do real, principalmente quando nos deparamos com esse público. Em outro ponto, sabemos que, quem escreve, não tem a mentalidade de quem lê, e quem geralmente escolhe, são mediadores, pais ou pessoas da escola (professores/bibliotecários) e isso colabora para que tais assuntos fiquem banidos do domínio dos pequenos, “[...] predomina um movimento editorial e pedagógico em que livros ‘politicamente corretos’, em sua maioria engodos ficcionais sem qualquer valor estético, proliferem e ocupem o lugar de obras catalogadas como polêmicas”. (MASSA, 2010, p. 99).

Sobre a questão da morte ser um tema tabu para as crianças, Lopes (2013) afirma ser inevitável, dentro do contexto social, pois não combina com o que é passado às crianças essa cultura inventada. E que na literatura não é diferente, há uma necessidade em proteger demais as crianças e traduzir tudo para uma linguagem politicamente correta. Para cada cultura o autor pode e deve escrever de forma diferente sobre os assuntos literários. “A relação dos vivos e mortos depende da cultura de cada sociedade e reflete as crenças que se tem sobre o que acontece quando a vida termina” (LOPES, 2013, p. 18).

Atualmente, dentro do âmbito escolar, a morte é um assunto velado. Zambeli (2014) parte da ideia de que não deveria ser algo restrito, já que faz parte da vida, pois é uma questão humana. Acredita-se que a literatura é uma das formas para se emocionar e organizar os sentimentos variados (tristeza, medo, alegria, raiva e também a perda). A autora também aponta a importância de não reter esses sentimentos e sim aprender a lidar com eles, “[...] a literatura é uma linguagem e um dos veículos mais poderosos de comunicação com o nosso inconsciente, ajuda-nos a falar com nós mesmos (sic).” (ZAMBELI, 2014, p.1).

O tratamento à morte em si não é de agora, pois cada momento histórico tem a sua maneira para encarar o luto. Zambeli (2014) faz um levantamento de como era vista a morte em cada período de tempo. Na Idade Média: era o momento em que as pessoas passaram a se questionar sobre o que havia após a morte e quando a pessoa ficava enferma, a família dava início a um ritual espiritual. No século XIV, teve uma acentuação, pois as pessoas morriam em massa por causa das pestes e guerras. Já na Idade Moderna, a morte era vista como algo muito ruim, as pessoas doentes eram

isoladas em hospitais, lembrando que tudo ocorria longe dos olhos das crianças. Na Idade Contemporânea, a medicina estava avançada, porém, a morte ainda era algo que as pessoas afastavam, por exemplo: cemitérios eram posicionados longe das cidades e não se tinha um momento de luto. Posteriormente, no século XX a vida começa a ser prolongada por meio de aparelhos, causando assim um sofrimento maior para a família que fica assistindo seus entes queridos falecerem. Apesar do sofrimento causado pela perda,

A morte não pode ser considerada como improvável, as famílias necessitam passar pelo luto e a criança não pode ser retirada deste contexto, ignorando seus medos, angústias, dúvidas e sofrimentos [...] a percepção da realidade e do que está ocorrendo no momento é algo tangível aos olhos e ao coração de todos.” (ZAMBELI, 2014, p. 5).

As religiões também abordam a morte de maneira distintas, cada uma com a sua perspectiva sobre o que acontece quando alguém morre, porém como não é o foco neste trabalho não entraremos nesse território.

O século XXI traz a morte que se esconde, a morte vergonhosa [...] A morte não pertence mais a pessoa, tira-se a sua responsabilidade e depois a sua consciência. A sociedade atual expulsou a morte para proteger a vida. Não há mais sinais de que a morte ocorreu. O grande valor do século atual é o de dar a impressão de que “nada mudou” a morte não deve ser percebida. A boa morte atual é a era mais temida na Antiguidade, a morte repentina, não percebida. (KOVÁCS, 1992, p. 38, apud PAIVA, 2014, p. 36)

Cabe ressaltar que os adultos sentem muito a morte e querem transmitir esse significado. É importante lembrar que ao ler um livro que trabalhe a morte com uma linguagem que permita criança a desenvolver seu pensamento crítico, fará com que ela descubra por si mesma a finitude da vida como algo natural, não permanecendo apenas do significado obscuro da palavra morte.

2.1 A TEMÁTICA MORTE NA LITERATURA INFANTIL

A morte é vista como um tabu, algo a ser silenciado e como falar de algo que não nos faz bem? E também, como passar esse sentimento e experiência de vida para os livros infantis? Os livros com esse tema são divididos como os outros, com uma indicação apropriada às idades das crianças.

É muito importante que se escolha bem o livro a ser oferecido à criança, respeitando sua idade e seu desenvolvimento cognitivo, afetivo-emocional, social e cultural. [...] no imaginário que ela poderá refletir (a seu modo) sobre seu mundo real e, na imaginação, encontrar formas de enfrentá-lo e transformá-lo. (PAIVA, 2014, p. 223).

Segundo Lopes (2013), o tema morte é classificado na Literatura Infantil como um tema difícil, ou seja, o tipo de conversa que os pais temem em travar desarmados, sem apoio/mediação de fantasia. A autora ainda acrescenta que,

O livro infantil cumpre uma função de educar, de ensinar, de moralizar, pode inclusive ser visto como um instrumento de controle dos seus adultos-produtores - autor, ilustrador, editor e crítico. Ela não só reproduz o que se espera da criança, mas o faz de acordo com o gosto adulto. (LOPES, 2013, p. 23).

Por isso, a importância de situar esse tema dentro da Literatura Infantil, pois o livro feito para crianças, pensado e produzido diretamente para elas, costuma cumprir a função de educá-las para a sociedade em que vivem e para os desafios que estão previstos para o seu crescimento. “O tema morte, muitas vezes, aparece nos livros infantis, nas fábulas e nos contos de fadas universalmente conhecidos. Servem, portanto, como possíveis recursos para se trabalhar as várias mortes na formação da criança.” (PAIVA, 2014, p. 79).

Paiva (2014) traz em seu livro chamado A arte de falar da morte para crianças, uma parte fundamental da Literatura Infantil, a sua função humanizadora perante as histórias lidas, contadas ou ouvidas, partindo de sua função pedagógica e também terapêutica, “[...] no campo emocional as histórias podem ajudar as crianças a elaborar e vencer dificuldades psicológicas bastante complexas, pois oferecem a possibilidade de se construir uma ponte entre seu mundo e a fantasia [...]” (PAIVA, 2014, p. 79).

2.1.1 A Criança e a Morte

Hunt (2010) acredita que ao tentar definir o termo criança, temos uma resposta aliada à cultura em que ela está inserida, “na maioria das vezes, podemos dizer que, em estágios diferentes, as crianças terão atitudes variadas em relação à morte, ao medo, ao sexo, a perspectivas e etc.” (HUNT, 2010, p.92).

Lopes (2013, p. 14) aponta que o comportamento semelhante entre o adulto e a criança (não havia distinção) perdurou por muito tempo. A criança era instigada a agir por si mesma e era vista com um mini adulto. A partir do momento em que sabia caminhar e se alimentar sozinha já não era mais considerada criança,

A ideia de infância é historicamente datada, sendo possível traçar suas origens e percursos [...] a queda da mortalidade infantil, a redução da natalidade, o surgimento da psicanálise, entre uma série de outros eventos permitiram que a juventude fosse interpretada como um período da vida que merecia ser preservado. (LOPES, 2013, p. 14).

Nos dias de hoje, já percebemos a enorme diferença, as crianças tem seu lugar e atenção necessária, então temos culturas distintas entre adultos e crianças, “[...] os pedagogos e psicólogos colaboram muito para a construção da cultura da infância. Para potencializar o desenvolvimento da criança o adulto a cerca de estímulos” (LOPES, 2013, p. 17).

A morte, para Paiva, (2014) além do mistério traz consigo a individualidade, a solidão e o sentimento de impotência, no sentido de que é uma experiência única, individual, singular, da qual não temos que fugir. A autora nos faz refletir sobre a importância de se repensá-la, principalmente pelo fato de que faz parte da vida e que portanto, o ser humano deve estar preparado. “[...] acredito ser possível preparar o indivíduo para que viva a vida em sua plenitude e, assim, talvez, não sinta tanta necessidade de fugir da morte.” (PAIVA, 2014, p. 37).

Geralmente, certos assuntos são pré-julgados a não serem expostos às crianças, pois acredita-se que elas não entenderiam ou que não lhes diz respeito. Um desses assuntos é a morte. Destaca-se que, “[...] a criança é criativa, imaginativa e tem uma curiosidade natural que a faz descobrir o mundo, a vida e seus mistérios. Para tudo busca um porquê, não havendo diferença em relação à morte.” (PAIVA, 2014, p. 40).

Por mais que hoje em dia as crianças tenham contato com temas difíceis, muitas vezes não estão prontas para as situações diversas, “A criança contemporânea acostumou-se a presenciar cenas de morte que são ofertadas com abundância em todos os meios de comunicação atual, contudo pouco

trabalho estruturado é desenvolvido envolvendo o assunto morte [...]”. (ZAMBELI, 2014, p. 6).

Portanto, muitas vezes, as crianças são excluídas de um conhecimento que lhes diz respeito: o de que a morte é algo natural “A *universalidade* tem a ver com a compreensão de que todos os seres vivos (plantas, bichos e pessoas), sem exceção, um dia, morrerão. Ou seja a morte é um evento inevitável.” (PAIVA, 2014, p. 40), e quando se deparam com isto, se sentem enganadas e não sabem como reagir. E como a criança não sabe, a primeira reação diante da morte, é de negação. “[...] a criança percebe a morte de forma diferente do adulto, de acordo com a faixa etária e condições cognitivas.” (PAIVA, 2014, p. 42).

Podemos afirmar que, a rigor, as crianças, da mesma maneira que os adultos, diferem em suas reações à morte mais do que em suas reações a qualquer outro fenômeno (TORRES, 1999).

A partir do momento em que nascemos, damos continuidade ao nosso desenvolvimento. Desde que somos bebês, estamos aprendendo diariamente coisas novas. Por isso é importante que cada fase da criança seja bem aproveitada, para que ela possa crescer de acordo com o seu tempo.

Segundo Rodrigues (2006, p. 21, apud LOPES, 2013, p. 21) “Piaget chega a dizer que é no momento em que a criança reconhece a sua individualidade que ela é afetada pelo reconhecimento da morte”. A autora diz que “[...] O problema fundamental na abordagem da finitude na infância é a tendência que os adultos têm de equalizar as suas percepções da morte com as da criança.” (RODRIGUES, 2006, p. 21, apud LOPES, 2013, p. 21).

O estudo sobre a criança e a morte vem de muito tempo. Torres (1999) afirma que tanto a teoria freudiana como a teoria piagetiana podem trazer que as crianças não compreendem nada sobre a morte em suas fases iniciais:

[...] pode-se dizer que as duas grandes teorias do desenvolvimento – a psicanálise e a epistemologia genética – exerceram inicialmente em papel encobridor nas pesquisas sobre este tema, na medida em que a psicanálise ortodoxa afirma que as preocupações e os pensamentos acerca da morte somente aparecem depois do período edipiano, como produto simbólico do medo da castração, e os teóricos piagetianos afirmam que a compreensão de conceitos somente se dá quando as estruturas cognitivas da criança atingem as operações formais [...]. (TORRES, 1999, p. 25).

Isso levou, nas últimas décadas, a um crescente estudo acerca do que as crianças entendem sobre a morte, “A tarefa dos pesquisadores, portanto, consiste em investigar como as crianças percebem e conceituam a morte em diferentes etapas do desenvolvimento.” (TORRES, 1999, p. 26).

Sendo assim, com o interesse desses pesquisadores e estudiosos, foram trabalhadas diversas teorias acerca da criança e sua concepção de morte:

As maiores evidências para a compreensão do conceito de morte como um fenômeno de desenvolvimento surgem a partir da década de 60 e se intensificam na década de 70, com os estudos que investigam o conceito de morte utilizando como critério de desenvolvimento o nível cognitivo. A compreensão da morte pela criança não se faz isoladamente de outros desenvolvimentos que ocorram em sua vida cognitiva geral. (TORRES, 1999, p. 40).

Dessa maneira, segundo Torres (1999) podemos supor que a conceitualização da morte para a criança variará de acordo com o seu nível de desenvolvimento global, daí o interesse de se relacionar as etapas de conceitualização com estruturas cognitivas e, apesar do efeito intimidador inicial da teoria de Piaget, algumas pesquisas, em sua maioria, passaram a utilizar da abordagem piagetiana do desenvolvimento cognitivo.

Segundo Kastenbaum & Aisenberg (1983, apud TORRES, 1999, p. 40) “[...] A compreensão de um conceito altamente abstrato e complexo como o conceito de morte requer uma aptidão para distinguir entre animados e inanimados e compreender o significado da constância do objeto”.

Contudo, a morte é vista de uma maneira ampla pelas crianças, então “Podemos, portanto, afirmar que a morte não é para a criança apenas um desafio cognitivo, um desafio para o seu pensamento, mas é, paralelamente, um desafio afetivo.” (TORRES, 1999, p.117). Ainda que seja difícil lidar com uma situação de perda, a criança deve ter auxílio para encarar e conseguir lidar com esse acontecimento.

2.1.2 A Representação da Temática em Livros

A morte pode aparecer em um livro de uma maneira sutil ou implícita, mas deve sempre trazer algo adequado para a idade da criança.

Diferente de se ater à organização por gênero literário e autor que se usa na área adulta da loja, o espaço infantil muitas vezes se divide por tema. São livros sobre amizade [...] entre outros, temas difíceis. Nesse último se enquadra uma série de tabus como a morte [...]. (LOPES, 2013, p. 26).

Paiva (2014) categorizou vários livros que falam sobre a morte e os organizou, separando-os por: morte na velhice; morte de animais de estimação; morte de pai; morte de mãe; morte de criança/irmão; morte como ciclo da vida; explicações sobre a morte; livros interativos; e abordagens fantásticas.

Dentro desses livros, temos a morte explorada pelos autores em diferentes formas. A opção da morte trabalhada em diversos temas é que pode atender diferentes necessidades, que permitem a criança fazer uma reflexão, quando perdem alguém com quem se importavam muito, quando um animal falece ou até um amigo que se muda. Há várias formas nos livros de auxiliar os pequenos a lidarem com a perda.

Dentro do contexto escolar, professores acharam uma boa ideia utilizar os livros para abordar o tema, olhando como uma nova possibilidade esse recurso “são muitos livros que tratam do tema da morte, com diferentes abordagens: mais explicativos, mais comoventes, mais cômicos [...]” (PAIVA, 2014, p. 256).

Com tantas narrativas, espera-se algo comum da Literatura Infantil, como Lopes (2013) descreve, é uma necessidade de concluir, responder questões ao longo da história e com isso tranquilizar o público quanto ao assunto complexo morte. “O excesso de preocupação com a criança acaba, às vezes, criando barreiras à escrita livre do autor.” (LOPES, 2013, p. 33). A autora traz como exemplo o Peter Pan, a cena em que uma criança mata um pirata foi modificada e também Chapeuzinho Vermelho, na versão em que ninguém saía da barriga do Lobo Mau, essas cenas foram adequadas para atender o público infantil,

O paradigma temático maior é o pior de todos, quando determinados assuntos são proibidos à criança, apesar de fazerem parte da vida [...] a complexidade da pedagogia e da sua relação com a arte é a compreensão de que o natural para uma criança pode não ser natural para a outra. (LOPES, 2013, p.33).

Lottermann (2006) considera que a Literatura Infantil e Juvenil é um produto cultural e isso permite uma discussão sobre questões que dizem respeito à vida. Considerando a investigação de temáticas como a morte, faz parte dos textos dirigidos às crianças e aos adolescentes. A autora faz um levantamento sobre as principais formas de morte em livros distintos como: morte natural (interrupção da vida, geralmente idosos); morte dos animais (trazendo revolta e podendo levar crianças a adoecerem); assassinatos quantitativos (geram uma investigação dentro da narrativa); assassinatos de pessoas próximas (desvendar crimes de pessoas que tem contato com o jovem ou adolescente personagem); morte em decorrência de doenças (uso de drogas); acidentes; suicídio... entre outros.

3 LIVROS E AUTORES ANALISADOS

Atualmente, os temas apresentados na Literatura Infantil priorizam assuntos que não foram tão explorados na literatura mais tradicional. Há, a necessidade de compor acervos com diferentes temáticas para que se possa assegurar aos leitores uma discussão maior e conseqüente mais crítica sobre assuntos, muitas vezes, vistos como tabus.

A aquisição de livros com o tema morte tem sido mais comum por parte das escolas e pais, bem como tem sido foco das editoras, primeiramente porque essa é uma relação essencial que todo ser humano necessita trabalhar.

As obras utilizadas neste trabalho foram escolhidas por terem o tema “morte” em comum. Elas possuem estrutura e complexidade linguística diferente, as obras são para faixa etária em torno de 5 à 10 anos. São obras produzidas por escritores infantojuvenis contemporâneos e estão disponíveis nas escolas e bibliotecas.

Tem-se como material de pesquisa o seguinte *corpus*: o conto *Os Pensamentos da Bexiga Murcha*, da autora Índigo e as *Sextilhas para a Morte*, de César Obeid, ambas retiradas do livro *Meu Filho Pato - e mais contos sobre o que ninguém quer falar* (2011) e o livro *O urso e o gato-montês* (2008), conto japonês escrito por Kazumi Yumoto.

O livro *Meu filho Pato - e mais contos sobre o que ninguém quer falar* foi produzido com o intuito de levar histórias sobre a morte para as crianças de um jeito simples que pudesse auxiliá-las com esse assunto que os pais e educadores geralmente têm dificuldade para explicar. Trata-se de uma obra organizada por Ilan Brenman, ilustrada por Rafael Antón com o apoio de uma instituição denominada 4 Estações Instituto de Psicologia. Esse instituto

tem como objetivo principal ajudar pessoas em situações de perda e luto. Na página da Instituição, há um pequeno histórico que explica que desde 1998 o instituto destaca a importância dos vínculos afetivos oferecendo tanto aos indivíduos e comunidades, quanto aos profissionais de saúde e educação um importante trabalho de prevenção, educação e tratamento em situações de perdas, luto e outros momentos de transformações da vida. Juntos, pensaram na obra e convidaram outros autores para fazer parte do projeto que serviria de instrumento para falar com as crianças sobre a morte. O livro traz diversos textos por meio de gêneros variados falando da morte com humor, tristeza, raiva, enfim, trazendo a manifestação de sentimentos que envolvem a temática.

Já o livro *O Urso e o Gato-Montês* é um conto Japonês escrito pela autora Kazumi Yumoto – ganhou o Prêmio Novos Escritores de Arte e Literatura Infantil da Associação Japonesa de Escritores, pelo romance *os Amigos* (1992) – e ilustrado por Kazumi Sakai – Escreveu vários livros ilustrados e foi premiada no Japão, na França e na Holanda.

3.1 OS PENSAMENTOS DA BEXIGA MURCHA

O conto *Os Pensamentos da Bexiga Murcha* está contido no livro *Meu Filho Pato - e mais contos sobre o que ninguém quer falar* e é o primeiro conto do livro. Como as outras histórias, foi pensado de maneira que pudesse ajudar as crianças a compreenderem um pouco o conceito de morte. É um conto triste, com ilustrações chamativas (cores fortes, contraste, chama a atenção do leitor). A morte é apresentada de maneira metafórica e é um texto voltado para as crianças, pois permite que usando a imaginação, a criança desenvolva um pensamento crítico diante do texto, fazendo com que perceba o que acontece com as personagens, que sendo inanimados estão aqui representando humanos. O texto é capaz de abraçar o jovem leitor colocando-o a pensar. No conto a bexiga, mais conhecida por nossas crianças como balão, personificada, aparece como personagem, apresentando sentimentos de alegria e tristeza, há a humanização da personagem pois nas ilustrações ela tem até expressão facial.

Essa obra faz com que a criança comece a desenvolver um pensamento de compreensão em relação ao que é a morte, pois, podemos encará-la como processo natural que acontece, já que a personagem principal encerra o seu ciclo e assim tem uma morte feliz.

3.1.1 Ana Cristina Ayer de Oliveira (Índigo)

Ana Cristina Ayer de Oliveira é uma escritora brasileira que nasceu em Campinas, em 1971. Embora seja formada em jornalismo (formou-se nos Estados Unidos, na Mankato State University), o foco de seu trabalho é com a literatura infantojuvenil. Seu trabalho como escritora teve início com publicações na internet a partir de 1996, incorporou o pseudônimo Índigo. Foi vencedora do Primeiro Prêmio Literatura para Todos, do MEC (2006), que é bastante disputado, pois é um concurso aonde são inscritas obras de escritores brasileiros e também de países africanos, com o livro *Cobras em Compota*. A autora escreveu para a coletânea *Meu filho Pato*, em 2011. Atualmente, mantém um blog chamado Diário da Odalisca. Por se tratar de uma autora contemporânea não há muitas informações sobre ela disponíveis em livros, os dados aqui colocados foram retirados da página do MEC sobre o prêmio.

3.2 SEXTILHAS PARA A MORTE

As *Sextilhas para a morte* estão contidas na coletânea *Meu filho Pato* e compõem o quarto texto do livro, possuem rimas e uma linguagem bem humorística para abranger o tema morte. Nas ilustrações aparecem desenhos de caixões, esqueletos, pessoas mortas, anjos, senhores e senhoras velhinhos e Deus. As sextilhas fazem parte da literatura de cordel, são poemas com estrofes compostas por seis versos e possuem métricas e rimas.

Como o texto age do início ao fim de uma maneira cômica, e como há rimas o jogo de palavras chama a atenção das crianças. A palavra morte aparece em vários versos ao longo do texto, o que mostra a maneira com que o autor decide se relacionar com a criança, sem tabus e mistérios é um texto direto objetivo e divertido.

3.2.1 César Obeid

César Obeid nasceu em 1974 em São Paulo, na capital, além de escritor trabalha como palestrante, contador de histórias e poeta. Começou a escrever peças de teatro enquanto estudava dramaturgia e depois passou a compor histórias e poesias. Atualmente, é conhecido como escritor contemporâneo de Literatura Infantil. Ele escreve para jornais e revistas artigos sobre a leitura e literatura, bem como, participa de programas de rádio sobre esses assuntos e também sobre culinária vegetariana. Em 2011 participou da coletânea *Meu filho Pato* onde o autor usa do humor para escrever uma sextilha com o tema morte. Por se tratar também de escritor contemporâneo há ainda a dificuldade em encontrar informações sobre o autor, as informações aqui contidas foram retiradas do próprio livro, objeto da pesquisa.

3.3 O URSO E O GATO-MONTÊS

O livro *Urso e o Gato-Montês* é um conto que trata sobre a amizade, a perda e a superação. É um livro com palavras simples que trabalha a morte de uma maneira também simples com linguagem voltada para as crianças. A história é emocionante e bastante tocante, pois trabalha principalmente a parte do luto, não é apenas indicado para quem perdeu alguém, mas sim para todas as crianças, porque mostra que não temos o controle sobre tudo o que acontece em nossas vidas. O livro é escrito e ilustrado por autoras japonesas.

O texto é poético do início ao fim, mostrando alguns fatos da vida que não são ditos às crianças na maioria das vezes, como por exemplo, que nem todas as pessoas são iguais, e que não reagem da mesma forma. Cada ser humano tem a sua forma de reagir frente a variadas situações.

Esse conto também traz uma abordagem psicológica, pelos temas trabalhados: morte, luto e amizade.

3.3.1 Kazumi Yumoto

A escritora Kazumi Yumoto é japonesa, nasceu em Tóquio em 1959. Ao estudar composição na Faculdade de Música de Tóquio, ela se interessou pela literatura. Em 1992 recebeu o seu primeiro prêmio dentro da Literatura Infantil com o romance traduzido como *Os Amigos*, atualmente também trabalha como tradutora e ilustradora. A autora já publicou muitos livros sobre o tema morte, de várias maneiras distintas. Em suas histórias procura sempre explorar a natureza dos sentimentos humanos e suas obras premiadas partem do relacionamento de crianças e adolescentes com as questões sobre vida e morte, alguns exemplos são: *The Friends*, *The Spring Tone* e *The Letters*. Informações retiradas da obra escolhida para a análise.

4 A REPRESENTAÇÃO DA MORTE LITERATURA INFANTIL

Abordando as diversas maneiras de trabalhar a morte, apresentaremos aqui três obras distintas. Uma que trabalha a morte sob um aspecto mais triste, outra que traz a morte de maneira mais cômica e uma terceira que abrange primeiramente o luto, trazendo a amizade como forma de restauração e continuidade da vida após a morte de um ente querido.

4.1 OS PENSAMENTOS DA BEXIGA MURCHA

Neste livro, temos como personagem principal uma bexiga/balão chamada Belinda, sua história é transmitida por um narrador em terceira pessoa. A bexiga tem sentimentos, e percebe tudo ao seu redor. Inicialmente, o espaço apresentado é um parque de diversões e o narrador traz os primeiros pensamentos dela, como se refere no título do conto. A personagem mostra-se muito preocupada já no início da narrativa “[...] Nessa hora ela suspirava e se exprimia no meio do maço, pensando na fragilidade da vida. Não sem razão. Belinda ao contrário de você e eu, podia estourar por qualquer coisinha.” (ÍNDIGO, 2011, p. 5). Ela medo de tudo o que conhece, principalmente na sua condição, (poderia estourar a qualquer momento) e isso significaria o fim de sua existência assim, como de outras bexigas que ela já viu estourar,

Encaixava outra bexiga no bocal do gás hélio e tentava a sorte novamente. Belinda via os pedaços de látex estirados pelo chão. Era um mórbido jogo de azar. Ser bexiga do Arlindo era por si só um atestado de resistência. (ÍNDIGO, 2011, p. 5)

Neste trecho, temos o primeiro contato com a linguagem metafórica representando a morte. A metáfora é uma figura de linguagem que consiste no uso de uma palavra ou expressão com o sentido de outra com a qual é possível estabelecer uma relação de analogia. No texto, podemos perceber constante emprego de metáforas comparando o fato da bexiga estourar ou murchar com a morte dos seres humanos.

Sendo que a história trabalha com a bexiga, uma figura inanimada, tem-se aqui empregada outra figura de linguagem, a personificação, que é o ato de conferir características humanas aos objetos inanimados ou ao que é abstrato, como as emoções e animais, por exemplo, e nessa obra a bexiga vive e depois morre, como um ser humano. A autora traz a personagem Belinda com comportamento próprio de um ser humano. Belinda fazia considerações sobre as outras bexigas e o que acontecia com elas.

Na narrativa, as bexigas que viviam no mesmo âmbito que Belinda, sem mais nem menos, por puro azar estouravam, ou seja, morriam. A personagem Arlindo era quem enchia e vendia as bexigas, “viver” ou “morrer” dependia dele.

Quando ela foi escolhida, na primeira vez, por uma garotinha, a personagem sentiu muito medo, pois era algo diferente da realidade dela, logo, a assustava. Sua vida agora não dependia mais do seu Arlindo, mas sim de uma menina, que bastava soltá-la e era o seu fim, “Se você perguntasse a Belinda ela diria que firme é um cilindro de ferro bem pesado. A menininha saltitante que agora segurava a ponta do seu barbante era tudo, menos firme.” (ÍNDIGO, 2011, p. 5). Muitas vezes, fazendo uma alusão às crianças, assim como Belinda, as pessoas, principalmente as crianças não estão prontas para uma realidade diferente, uma mudança de lar ou escola por exemplo, mesmo que a mudança seja algo natural da vida.

Logo após o momento em que Belinda é escolhida e passa a ter uma nova experiência, ela tenta não se desesperar, pois estava apavorada “Muitas bexigas antes dela haviam passado por isso. ‘É natural’ – era o que tinha que pensar. Belinda tomou coragem e abriu os olhos” (ÍNDIGO, 2011, p.

6). Aqui o narrador mostra o momento em que a personagem começa a se tornar otimista. Porém, na cena seguinte aparece a o homem de branco, que no mundo dela é alguém terrível, que causa medo. O Homem de Branco, a quem o narrador se refere é um palhaço, “Como o bobo, o palhaço é uma personagem mística: a inversão do rei, do possuidor dos poderes supremos, e por isso vítima eleita para substituir o monarca [...] O palhaço é o último, enquanto o rei é o primeiro [...]. (CIRLOT, 2005, p. 442). No livro é feita uma comparação de que o Homem de Branco é para as bexigas como a Dama de Negro é para nós,

A única coisa colorida no homem eram os cabelos, que em vez de fios eram compostos de embriões de bexigas murchas. O homem arrancava bexigas da própria cabeça, metia na boca e soprava até que adquirissem forma de salsichão. Virar um salsichão já era bem humilhante [...] em seguida ele enroscava uma bexiga nas outras e fazia uma sequência cruel dos nós e distorções. (ÍNDIGO, 2011 p. 5).

Para a personagem, o que esse palhaço fazia com as bexigas era surreal, ela não se sentia bem vendo as outras de sua espécie na situação em que se encontravam, ainda mais quando viu que as pessoas ficavam felizes com aquela “atrocidade” aparente para ela, “Belinda ficou chocada. Seria esse o seu destino? Seguiu assistindo e viu que no final, quando do emaranhado de bexigas estranguladas surgia um cachorrinho, as pessoas achavam lindo”. (ÍNDIGO, 2011, p. 5). E nesse momento, a criança que a segurava se esqueceu dela, animada com o cachorrinho de bexiga. “Aplaudiam. A menina até saltitava. Foi assim que Belinda começou a subir.” (ÍNDIGO, 2011, p. 5).

Essa sequência de fatos assustadores para a personagem, gera também uma tristeza, pois no momento em que a menina, a quem ela era obrigada a confiar sua tênue vida, a solta, e isso a fez perder a esperança, enquanto vai subindo, olhando para baixo ela vê o seu mundo diminuindo “Como num filme, ela viu tudo diminuir: menininha, pai e carrinhos de bebê. Tudo ficou bem firme no seu lugar, enquanto Belinda ia embora numa subida constante rumo ao infinito.” (ÍNDIGO, 2011, p. 7). Nesse momento, temos uma reflexão pois, apesar do mundo dela estar se dissipando, o das pessoas ao seu redor continua intacto,

A menininha nem ergueu os braços, o pai nem levantou a cabeça. Os carros não bateram uns nos outros por causa do que acontecia

com Belinda, O mundo, na sua indiferença, mostrou que não se importava [...]. (ÍNDIGO, 2011, p. 8).

Nesse momento, podemos ver a semelhança do comportamento da bexiga com alguém jovem, às vezes algo que é visto pelos adultos como algo natural, para a criança é “o fim do mundo” como se não houvesse solução para aquele obstáculo, “Ela prendeu o fôlego, crente que seria o seu fim.” (ÍNDIGO, 2011, p. 7). Porém, para Belinda, que já acreditava que ela ia voar para muito longe até estourar, há na história uma reviravolta. Um menino que estava na roda gigante consegue com muito esforço pegar a bexiga pelo cordão,

[...] se não fosse por alguma coisa que roçou na ponta do seu barbante. Um menino voador? Não. Um menino que se contorcia num balanço voador. De soquinho em soquinho Belinda foi se impulsionando até ele; e ele, com metade do seu corpo para fora do balanço, esticou bem o braço. – Te peguei!” (ÍNDIGO, 2011, p. 7)

O menino fica tão feliz por ter pego a bexiga que dá um abraço em Belinda. Agora a personagem tem um conforto. O que parecia ser seu fim, pode ser um recomeço. O menino, chamado Caio, aparece na história como um ponto crucial para a vida da bexiga, “Caio e sua bexiga passearam pelo parque num ritmo confortável. O menino não saltitava como certas pessoas.” (ÍNDIGO, 2011, p. 7). Ele a apresenta aos pais, tem o cuidado de amarrá-la perto dele, para não a perder e isso a fez se sentir pela primeira vez parte de uma família. Na ilustração aparece a bexiga com o menino entre o pai e a mãe, com uma fisionomia de felicidade e confortada,

[...] Caio ganhou uma nuvem para comer. Ela vinha espetada num palito de churrasco. De vez em quando sua mãe roubava um pouquinho de nada. O pai tinha outra nuvem espetada só para ele. Belinda agora fazia parte de uma família que comia pedacinhos do céu. (ÍNDIGO, p. 7, 2011).

Quando Belinda vai para a casa do menino, ela vê uma realidade completamente diferente, antes ela vivia amarrada no tubo de gás hélio em céu aberto e agora estava em uma casa com divisórias e teto.

[...] quando ele desamarrou Belinda do passador da calça jeans, ela subiu um tiquinho só e já alcançou o teto. Belinda logo aprendeu a se locomover grudada às paredes. Descobriu que era possível atravessar as divisórias e que cada lugar tinha o seu propósito. (ÍNDIGO, 2011, p. 9).

Aquela “vida selvagem” de dormir em céu aberto era passado, e ela estava feliz com a nova vida. Porém, um dia, quando Belinda estava pensativa, caiu em direção ao menino. Aqui ocorre uma grande mudança na vida da bexiga, ela começa a murchar fisicamente, mas mentalmente ela não está preocupada como antes “Ela tinha perdido aquele jeito tenso de antes, sempre prestes a estourar por qualquer coisinha. Agora andava mais relaxada [...]” (ÍNDIGO, 2011, p. 9). Agora a personagem adquire outra forma de “agir e pensar”, como alguém humano, criança ou adolescente, ansioso e inquieto, e quando se torna mais velho, se torna mais sábio.

A flacidez foi uma bênção em sua vida. Com aquele novo corpinho enrugado ela já não estourava por nada no mundo. Poderiam pressioná-la, irritá-la, até passar por cima dela. No máximo sentia uma coceguinha”. (ÍNDIGO, 2011, p. 9).

Chegando ao final do conto, vemos que a bexiga morreu feliz, “E assim Belinda teve uma velhice feliz. Morreu murchinha de tudo, sem dor e sem medo, debaixo da cama, entre meias e brinquedos”. (ÍNDIGO, 2011, p. 9). Temos no conto uma metáfora voltada para as crianças. Como uma bexiga, somos nós: nascemos, crescemos, vivemos e morremos, como fato natural. A bexiga no início da vida não compreendia os fatos da vida, tinha medo de “morrer” e quando fica velha ela se liberta dos medos e angústias, já não vive a vida com tanta tensão.

O conto tem o intuito de mostrar à criança que morrer não é ruim e sim consequência para todos, “A morte dita natural, ou seja, aquela que interrompe a vida quando a pessoa já viveu muitos anos é tida como descanso, como, realmente, o final de um processo [...]” (LOTTERMANN, 2016, p. 13). Para os adultos é tão difícil falar sobre estágios da vida e o que acontece no final. E nessa história temos de uma mensagem de maneira simples que alguém pode sim descansar em paz depois de ter vivido plenamente.

4.2 SEXTILHAS PARA A MORTE

Sextilhas são textos do estilo cordel compostos por seis versos em cada estrofe, todos eles com rimas, o que traz musicalidade ao texto. Nas

Sextilhas para a Morte, temos onze estrofes cuja temática faz pensar sobre o tema morte. São vários aspectos apresentados de uma forma engraçada, que chama a atenção das crianças e as faz pensar na morte de uma maneira mais abrangente.

Na primeira estrofe temos a apresentação da proposta do texto. O autor usa os versos para falar como serão apresentadas as sextilhas, compostas por versos rimados, apresentando a rima de cordel que falará do tema. “Com os versos bem rimados/hoje trago muita sorte/pois a rima de cordel/ servirá como transporte/pra dar vida para a rima/para lhes contar da morte.” (OBEID, 2011, p. 21). Nos dois últimos versos, temos esses contrapostos, - dar vida à rima – contar da morte, são versos que trazem a antítese, figura de linguagem que trabalha palavras ou ideias contrárias.

Aprofundando mais o tema, na segunda estrofe, nos primeiros versos, o autor faz um alerta, para que o pequeno leitor ou ouvinte não tenha medo, pois irá falar de uma forma clara sobre a morte. “[...] Porque todo mundo morre, seja tarde ou seja cedo [...]” (OBEID, 2011, p. 21). Partindo para a terceira estrofe, temos uma reflexão sobre como será a morte, com pressupostos que as crianças já devem ter ouvido: “Qual a cara que ela tem?/Será uma velha encurvada?/Será uma moça esquelética,/com a face enrugada?/Ou será um senhor magrinho,/ com a fala adocicada?”. (OBEID, 2011, p. 21). Nessa terceira estrofe podemos reconhecer alguns estereótipos sobre a figura da morte, que partem muito de contos de fadas, como: A madrasta da Branca de Neve, A bruxa de João e Maria, entre outras personagens de histórias, magos e bruxas aparecem com uma aparência assustadora.

Já na quarta estrofe, podemos ver uma brincadeira com a sequência de palavras que trazem a morte. No primeiro verso, */Se o morto é quem morreu/* na primeira palavra aparece o substantivo “morto” e na segunda – o verbo morreu está no pretérito perfeito. No segundo verso, */Morrediço vai morrer/*, a palavra morrediço está representando alguém que está morrendo, um “moribundo”, e o verbo morrer se encontra no infinitivo. Logo, no terceiro e quarto versos, temos, *A mortalha veste o morto/ que acabou de falecer/*, em que mortalha é uma vestimenta para cadáveres, ou um grande número de cadáveres. E os últimos dois versos terminam com um trocadilho sobre uma

comida /*Mortadela mesmo morta/ tem quem goste de comer.* (OBEID, 2011, p. 22).

Na quinta estrofe, há uma troca de letras, a partir da palavra morte. “Para o povo se alegrar:/ troco o M pelo S/ para mais sorte ganhar/ ponho o A em vez do O/ vou pra Marte viajar.” (OBEID, 2011, p. 22) as crianças, principalmente e não somente em fase de alfabetização adoram esse jogo de palavras, troca de letras, e também dá um ritmo para as rimas dentro do cordel. Na sexta estrofe, temos novamente as palavras: sextilhas, cordel, morte e morto, que dão ênfase ao objetivo do autor, de transmitir a temática morte no cordel nessa forma de sextilhas.

Podemos ver na sétima estrofe que há um acróstico, “[...] composição poética, em que as letras iniciais, mediais ou finais de cada verso formam determinado nome”. (FERNANDES; GUIMARÃES; LUFT, 1991). Nessa estrofe, temos um acróstico com a palavra *mortes*, “**M**as também dá um acróstico/**O** plural da bela morte/**R**astro que ninguém persegue/**T**rem que dá sempre o transporte/**E** nos leva ao seu destino/**S**em pedir o passaporte.” (OBEID, 2011, p. 22). Além no acróstico nessa estrofe, temos também uma metáfora comparando a vida a um trem que nos leva ao nosso destino, que é a morte.

Na oitava estrofe temos a presença de homônimos. “palavras idênticas na forma mas de origem diferente”. (FERNANDES; GUIMARÃES; LUFT, 1991). No texto aparecem as palavras: morro de morrer e morro de montanha, no quarto e quinto versos. E também nos últimos dois versos “matar a fome” e “matar uma lasanha”, palavras usadas em nosso dia a dia “Prosseguindo no cordel, faço minha artimanha: Tem morro de morrer, tem morro de montanha, eu mato minha fome, quando eu mato uma lasanha” (OBEID, p. 23, 2011). Na nona estrofe, temos uma expressão popular “galinha morta” quando algo é muito barato, ou tido quase sem valor algum “Tudo que morre é ‘galinha morta’, todos dizem que é barato, mas mato da floresta, já difere do outro mato, que eu morro, mas não sei, qual será o seu formato. (OBEID, p. 23, 2011).

E logo na próxima estrofe, na décima, aparecem mais ditados populares, utilizados para representar a morte: bater as botas, expirar, empacotar, passar dessa pra melhor e alma a Deus entregar “Tem gente que

até tem medo, de morte pronunciar, então diz “bater as botas”, “expirar”, “empacotar”, “passar desta pra melhor” E “alma a Deus entregar”. (OBEID, P. 23, 2011). Todos esses ditados são popularmente conhecidos pelos brasileiros e utilizados para se referir quando alguém falece.

Por fim, na última estrofe das *Sextilhas para a Morte*, temos o texto se findando, “Então findo o meu cordel, com amor e alegria. Vou matar as sextilhas pra dar vida à poesia, porque essa nunca morre. Adeus, até outro dia!” (OBEID, p. 23, 2011). Nesse texto literário temos o tema morte presente do início ao fim, com a beleza da linguagem poética. O autor trabalha o tema para as crianças de forma cômica e também em algumas partes faz a criança refletir sobre o que realmente é a morte.

As imagens que aparecem ao lado das sextilhas, no decorrer das estrofes refletem sobre o que está executado no texto, primeiramente temos as imagens de acordo com a terceira estrofe, uma velhinha curvada e feia, uma moça esquelética com um sorriso irônico e um velhinho, todos pálidos e com vestimentas escuras, capa e chapéu. Na segunda imagem aparece uma mortadela referente à quarta estrofe e um foguete no qual está escrito marte, referente à sexta estrofe. Na p. 22 temos um trilho de trem composto com caixões e em cima de alguns caixões temos esqueletos sentados ou em pé, essa ilustração se refere a sétima estrofe, “Esqueleto, na maioria das alegorias e emblemas, é a personificação da morte. Em alquimia simboliza a cor negra e a putrefação ou *disiunctio* dos elementos.” (CIRLOT, p. 243, 2005).

Na página 23 temos uma imagem de um homem comendo uma lasanha, referente à oitava estrofe, um morto deitado perto de uma lápide batendo as botas, literalmente, e anjos levando caixas, que seriam almas para um senhor sentado em um suposto trono, Deus. As ilustrações feitas por Rafael Antón, complementam o texto de forma a deixá-lo ainda mais interessante.

O autor trabalha com a conotação e a denotação, que são sentidos variados na linguagem e são frequentes dentro de textos literários. O sentido conotativo aparece quando a palavra é usada em sentido figurado como por exemplo no texto “vou matar estas sextilhas” (OBEID, p. 23, 2011). Pois aparece no sentido de terminar o texto. Já o sentido denotativo aparece

quando a linguagem aparece em sentido real, literal, como por exemplo “Tem o morro de morrer, tem o morro de montanha” (OBEID, p. 23, 2011) pois os dois versos citados representam as suas palavras na sua significação literal.

4.2 O URSO E O GATO-MONTÊS

Trata-se de um conto que abrange o tema morte de uma maneira bem simbólica. Desde o começo, na primeira página e primeira frase do livro temos o verbo morrer, “Certa manhã o urso chorava. O passarinho, seu grande amigo, havia morrido.” (YUMOTO, p. 4, 2008). Aqui podemos perceber que o urso tinha uma ligação forte, e que o passarinho era seu amigo, pois o urso ficou triste com a morte dele. No decorrer do livro podemos ver o tempo que o urso dedica ao corpo do passarinho, “O urso cortou uma árvore do bosque e fez uma caixinha. Ele a tingiu com o sumo de frutas coloridas e cobriu o fundo com pétalas de flores. Em seguida, deitou delicadamente o passarinho dentro da caixa.” (YUMOTO, p. 6, 2008). O urso via o passarinho deitado na caixa e tinha a impressão de que o passarinho estava apenas dormindo.

O livro faz com que a criança perceba a relatividade da vida, traz um diálogo entre os dois personagens, o urso e o passarinho, onde eles falam sobre os dias, “E amanhã vamos ter outra manhã e novamente depois de amanhã [...]” (YUMOTO, p. 10, 2008). Mas essa rotina muda quando o passarinho morre, mostrando a efemeridade da vida e passando a mensagem que devemos valorizar o dia de hoje, com a companhia de nossos colegas. Temos também um momento de renúncia do Urso num primeiro momento após a morte do passarinho, quando ele começa a encarar que o amigo não irá mais viver com ele,

Porém, o passarinho não estava mais ali. – Ontem, não poderia imaginar que hoje você estaria morto – o urso disse. – Eu não precisaria de mais nada na vida se pudesse voltar à manhã de ontem. – As lágrimas corriam pelo seu rosto. (YUMOTO, p.13, 2008)

O personagem se questiona como o amigo esteve presente ontem e hoje não está mais com ele. O urso ainda carrega o corpo do amigo, mas as pessoas não entendiam o luto do urso e queriam opinar sobre uma melhor maneira de “superar” a perda,

Os animais do bosque lhe perguntavam: - Nossa Urso! Que caixa mais linda você tem! O que há dentro dela? Mas quando o urso abria a caixa, todos se calavam, embaraçados. E sempre diziam: - Urso, ele não vai mais voltar. É duro, mas o jeito é esquecer. (YUMOTO, p. 16, 2008)

Então o personagem se isola e nesse momento as ilustrações também são representadas com colorações mais escuras, “ele permaneceu dias e noites a fio fechado em seu quarto escuro.” (YUMOTO, p. 18, 2008). Nesse momento o urso se aprofunda em seu luto, ele tem um momento só dele, pois os outros não compreendiam a sua dor e ele não queria esquecer o seu amigo.

Logo após o período de luto, eis que um dia o personagem se abre, ele ficou tanto tempo no escuro que quando saiu para fora foi incrível “O vento vinha carregado do aroma da relva. O urso saiu e olhou para o céu, onde nuvens brancas flutuavam. Era como se visse o céu pela primeira vez.” (YUMOTO, p. 21, 2008), como se pela primeira vez ele visse as coisas lindas da natureza “O urso começou a caminhar. Atravessou o bosque e subiu o barranco à margem do rio. Do alto, viu a relva verdejante e o rio brilhando ao sol.” (YUMOTO, p. 22, 2008) A partir disso o urso começa a enxergar novamente a vida, sem o amigo passarinho.

Quando pela primeira vez vê o personagem gato-montês. O gato estava deitado, com uma caixa ao lado, e a caixa chama a atenção do urso,

– Olhe... – o urso começou a falar, mas, por ter ficado muito tempo sem conversar com alguém, sua voz estava enrouquecida. – Deseja algo? – o gato-montês perguntou, abrindo apenas um olho. – Gostaria que você me mostrasse sua caixa – o urso pediu, tropeçando nas palavras. – Tudo bem – Foi a resposta do gato-montês, abrindo dessa vez ambos os olhos. – Mas só se você me mostrar o que há nessa sua linda caixa. (YUMOTO, p. 26, 2008).

Nesse primeiro diálogo entre o personagem urso e o personagem gato-montês, o urso ainda está desacostumado a falar com outra pessoa. Primeiramente, ele tem medo de mostrar o que há na caixa, medo do que o gato-montês iria pensar sobre ele. Mas o gato percebe a importância que o passarinho teve para o urso “– Você e esse passarinho devem ter sido realmente grandes amigos, não é? Você deve estar muito triste porque ele morreu”. (YUMOTO, p. 28, 2008). Até naquele momento ninguém tinha pensado no gesto do urso como o gato-montês o pensou e isso o surpreendeu.

O gato-montês abre a sua caixa retirando um violino e toca uma música para o urso e seu amigo falecido, o passarinho e agora, com a música o urso começou a recordar sua amizade, desde o início quando se tornaram amigos,

Lembrou como o passarinho era sempre mais rápido quando os dois contavam os frutos das árvores. Lembrou como se banhavam juntos na fonte do bosque nos dias de calor. Lembrou como o passarinho sempre reclamava porque ele espirrava água para todo o lado. Lembrou a fragrância das penas do passarinho após o banho. Lembrou também as brigas que às vezes tinham e como faziam as pazes depois. Lembrou de tudo mesmo. (YUMOTO, p.37, 2008)

Logo após essa recordação do urso, temos na história uma página em branco e outra com o cadáver do passarinho. Todas as imagens das lembranças do urso tiveram uma sequência ilustrada, e posteriormente a imagem do cadáver mostra que o passarinho viveu feliz, até que um dia morreu. O urso decide então enterrar o passarinho, em um lugar que os dois frequentavam, “– Não vou ficar mais triste. Afinal, eu e o passarinho seremos amigos para sempre.” (YUMOTO, p. 40, 2008).³

O personagem gato-montês tem um grande papel nesse momento na vida o urso, é ele quem o auxilia e o urso não se sente mais sozinho e entente que o passarinho não deixou de ser seu amigo porque morreu “– Não vou mais ficar triste. Afinal, eu e o passarinho vamos ser amigos para sempre.” (YUMOTO, p.40, 2008), as lembranças são algo difícil de apagar. Os personagens o gato-montês e o urso, se despedem do passarinho, colocando uma pedra e flores onde fora enterrado. “O gato-montês encontrou uma linda pedra do tamanho do passarinho e a colocou no local onde ele estava enterrado. Depois, ele e o urso colocaram flores ao seu redor.” (YUMOTO, p. 41, 2008)

Como andarilho, o gato-montês convida o urso para acompanhá-lo “[...] – Meu trabalho é viajar de cidade em cidade tocando meu violino. Quer vir comigo?” (YUMOTO, p. 45, 2008) E tira um pandeiro de sua mala e entrega-o ao urso “– Venha comigo, urso – propôs o gato-montês, tirando de dentro da mochila esfarrapada um pandeiro. – Experimente tocar.” (YUMOTO, p. 46, 2008); o que seria um novo desafio para o urso, mudar seu estilo de vida e aprender algo novo. O urso aceita, e percebe que o instrumento se encontra muito usado e pensa que já foi de alguém especial para o gato-montês “O

pandeiro era muito velho. Estava marrom de sujeira e com muitas marcas de patas. Quem afinal teria tocado esse pandeiro? Será que o gato-montês também tivera um grande amigo? ...” (YUMOTO, p. 47, 2008). Esse gesto faz com que o urso se sinta especial também.

Esse livro, além de trazer o tema morte, também mostra a importância de passar pelo período de luto e que cada indivíduo tem o seu jeito de encarar esse processo,

A rigor, as crianças, da mesma maneira que os adultos, diferem em suas reações à morte mais do que em suas reações a qualquer outro fenômeno. Ainda assim, pode-se afirmar que a perda estimula na criança certos padrões de comportamento e, de modo geral, é acompanhada por uma progressão de etapas e sentimentos. (TORRES, p. 118, 1999)

Uma criança pode negar ou se entregar a esse momento, mas só ela pode dizer quanto tempo vai durar. O luto é difícil para os adultos, para as crianças também, e muitas vezes elas nem sabem com que dor estão lidando,

Naturalmente, o processo e os resultados das reações da criança ao luto dependerão de vários fatores, tais como a idade, a etapa do desenvolvimento em que a criança se encontra, de sua estabilidade psicológica e emocional, e da própria significação da perda, isto é, da intensidade e diversidade dos laços afetivos. (TORRES, p.119, 1999)

O livro auxilia a criança, mostrando que ela pode sentir sem ser julgada e que haverá pessoas que a entenderão,

As crianças vivem o luto de diferentes maneiras. É normal algumas demorem mais tempo do que as outras para reagir à morte de alguém querido, mas, em algum momento, esse processo vai acontecer – daí ser fundamental que a criança tenha um espaço seguro e acolhedor para falar sobre os seus sentimentos [...] encarando a morte como um processo que faz parte do nosso ciclo de vida e não como tema temido e negado. (MELO, p.15, 2013).

A linguagem do livro é bastante poética e leve. A autora trabalha o tema voltado para a Literatura Infantil, como faz em diversos outros livros de sua autoria. As ilustrações feitas por Komako Sakai são simples e ao mesmo tempo muito tocantes. É uma literatura que realmente sensibiliza o leitor, não só crianças.

A seguir, apresenta-se um quadro comparativo com as principais características dos três textos analisados.

| Título | Autor/Ano | Principais características | Ilustração | Tipo de personagem |
|---------------|------------------|-----------------------------------|-------------------|---------------------------|
|---------------|------------------|-----------------------------------|-------------------|---------------------------|

| | | | | |
|---|--------------------------|--|--|---|
| <p>Os <i>Pensamentos da Bexiga Murcha</i></p> | <p>Índigo, 2011</p> | <p>O livro apresenta a temática morte de maneira franca, uma linguagem triste, se utilizando de metáforas, mostrando que a vida tem um fim e que isso não precisa ser encarado como algo ruim, que a morte faz parte de um processo natural.</p> | <p>As ilustrações são bem coloridas, cores vivas. Algumas imagens assustam, como o palhaço, diante dos olhos da bexiga.</p> | <p>A personagem principal é uma bexiga, um ser inanimado, com sentimentos reais, que vive e quando chega ao fim de sua existência, morre.</p> |
| <p><i>As sextilhas para a morte</i></p> | <p>César Obeid, 2011</p> | <p>As sextilhas são bem humoradas, contam com sonoridade pelas rimas. O tema morte aparece em todas as estrofes, em linguagem conotativa e denotativa. São</p> | <p>As ilustrações são engraçadas, com esqueletos, caixões que representam a morte, anjos trazendo as almas a Deus, pessoas que</p> | <p>Os personagens são seres como esqueletos, anjos, velhos e também figuras e objetos animados.</p> |

| | | | | |
|--------------------------------------|----------------------------|---|---|---|
| | | <p>onze estrofes com seis versos cada. Há muitas figuras de linguagem no texto, onde o escritor brinca com o tema morte, para aproximar a realidade da criança.</p> | <p>possam representar a morte, como uma velha, ou um velho... alguns desenhos que trazem também, coisas distintas da morte, porém que aparecem no texto.</p> | |
| <p><i>O urso e o gato-montês</i></p> | <p>Kazumi Yumoto, 2008</p> | <p>O livro trabalha temas como morte, luto e amizade, é um livro que deve ser lido por todas as crianças, não somente pelas que perderam alguém. Traz uma lição muito importante e auxilia a criança a enfrentar barreiras, pois trata de</p> | <p>As ilustrações são feitas com cores apagadas e foscas. Parecem pensamentos, lembranças e são bem tocantes. Aparece o cadáver de um dos personagens e um enterro.</p> | <p>Os personagens são animais. Eles tem sentimentos e ideias. O personagem principal perde o seu amigo no início do texto, passa pelo processo de negação e posteriormente do luto. Quando se sente pronto, acaba</p> |

| | | | | |
|--|--|-----------------|--|---|
| | | assuntos reais. | | conhecendo outra pessoa, que passa a ajudá-lo em seu recomeço. Um amigo. |
|--|--|-----------------|--|---|

Quadro 1 – Comparativo entre as três obras analisadas

Fonte – A própria autora

Os três livros trabalham a morte de maneira distinta, o primeiro trata da existência e a importância de viver e encarar a morte de maneira natural. O segundo texto traz a morte mais humorada, no sentido de “brincar” com a palavra morte, algo normal da vida. E na terceira obra escolhida, temos uma lição de que as pessoas têm sentimentos diferentes e que é importante e natural vivê-los e que não importa se estamos preparados ou não, temos que encará-la em determinados momentos, pois faz parte da nossa existência. As obras selecionadas tem em comum a ideia de que a morte deve ser assunto abordado e falado para as crianças.

Constatou-se ao ler as obras, objetos desse estudo que estão estruturadas de acordo com os fundamentos de uma Nova Literatura em contraste com a Literatura Tradicional, presentes no quadro apresentado por Coelho no início desse estudo. Trazendo, por exemplo o espírito solidário com relação as pessoas acometidas pelo luto e perdas, é o caso do gato que com sua amizade consegue tirar o urso de sua profunda tristeza. Há também uma reinvenção e redescoberta do passado trazendo a morte como algo natural, assunto não trabalhado de forma natural em obras tradicionais. Também as obras estudadas trazem a concepção da vida fundada na visão mutante da condição humana, onde a morte é o fim de todos os seres. E, por fim, A criança é vista como ser em formação e por esse motivo pode e deve ter contato com temáticas que venham a contribuir para o seu desenvolvimento enquanto ser em desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar o tema morte na Literatura Infantil é de fato relevante. A literatura é tão importante para as pessoas, como poder dialogar. Tanto na escola como em casa, as crianças devem ser orientadas a ter esse contato com os livros, que os auxiliam para a sua formação, tornando-as mais críticas e incentivando a leitura.

Considerando que a morte faz parte da vida e que esse fato ocorre com todos, a literatura com o seu trabalho aparece de modo a auxiliar os pequenos, desmistificando esse tema, e não tratando-o como um tabu. Nos livros analisados, percebe-se que os personagens não são pessoas, mas sim animais ou seres animados representando pessoas. A linguagem com que os livros trazem a morte é franca, pois não procura esconder nada da criança. Em todos os livros é abordado como algo natural, e que faz parte da vida. Algumas imagens trazem caixões, cadáveres, ilustrações escuras e/ou coloridas.

Essa análise possibilitou também ampliar a visão sobre os livros contemporâneos de Literatura Infantil, que abordam temas reais, e difíceis, muitas vezes, de transmitir à criança. Percebemos também, a importância desse trabalho na área da educação, em momentos em que os professores não sabem como abordar certos temas dentro de sala.

Entende-se que a morte é um processo, que acontece com todas as pessoas, adultos, crianças e idosos. Isso não está alheio a ninguém, e cada vez mais está presente dentro de nossas casas, por meio de noticiários (internet e televisão). Os pequenos perguntam e muitas vezes não sabemos o que e como falar sobre a morte.

Consideramos que é importante dialogar com a criança, para que ela esteja preparada para lidar com questões existenciais, como o luto, a perda e a falta. Pensamos que os livros podem formar essa ponte de conhecimento entre a criança e o conhecimento, pois os livros podem mostrar com exemplos, o que os adultos, pais e educadores, tem dificuldade de transmitir.

Os livros que aqui foram analisados, foram escritos propriamente para as crianças, demonstrando formas de trabalhar o tema. Cada autor com as suas particularidades, mas todos os textos tratam a morte como natural, sem tabus.

REFERÊNCIAS

BRANMAN, Ilan. **Meu filho pato - E mais contos sobre o que ninguém quer falar**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

CIRLOT, Juan-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

FERNANDES, Francisco; GUIMARÃES, F. Marques; LUFT, Celso P. **Dicionário brasileiro globo**. São Paulo: Editora Globo, 1991.

INDIGO, **Os Pensamentos da Bexiga Murcha**. In BRANMAN, Ilan. **Meu filho pato - E mais contos sobre o que ninguém quer falar**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

LOTTERMANN, Clarice. **Escrever para armazenar tempo: morte e arte** na obra de Ligya Bojunga. Curitiba, 2006. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/tese-trabalho-completo.pdf>>. Acesso em: 30 de maio, 2019.

LOPES, Thaís, de C. R. **Era uma vez o fim: representações da morte** na Literatura Infantil. Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <[file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/era-uma-vez-o-fim%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/era-uma-vez-o-fim%20(1).pdf)>. Acesso em: 22 maio 2018.

MASSA, Daniel. **Fórum de literatura brasileira contemporânea**. 4. Rio de Janeiro, 2010. Editora Torre. Disponível em: <file:///C:/Users/Usuário/Downloads/a_morte_na_literatura_infantil.pdf>. Acesso em: 23 maio 2018.

MELO, Jaciara L. de. **Né que quando a gente morre, a gente não vira estrela?:** A temática da morte na Literatura Infantil. Porto Alegre, 2013. Disponível em: <<file:///C:/Users/Usuário/Downloads/ne-que-quando-tcc.pdf>>. Acesso em: 30 maio 2019.

OBEID, César. **As Sextilhas para a Morte**. In BRANMAN, Ilan. **Meu filho pato - E mais contos sobre o que ninguém quer falar**. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2011.

PAIVA, Lucélia E. **A arte de falar da morte para as crianças**. 3. ed. São Paulo: Ideias & Letras, 2014.

TORRES, Wilma da C. **A criança diante da morte: desafios**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

YUMOTO, Kazumi. **O urso e o gato-montês**. São Paulo: Brinque-Book, 2008.

ZAMBELI, Sônia M. M. **O que a Literatura Infantil nos revela sobre a morte**. Porto Alegre, 2014. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/115962/000965150.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 23 maio 2018.

